

Tema UNESP: Problemas comportamentais dos jovens: um resultado do contexto histórico ou efeito da educação familiar?

Código da Redação
UNESP142023

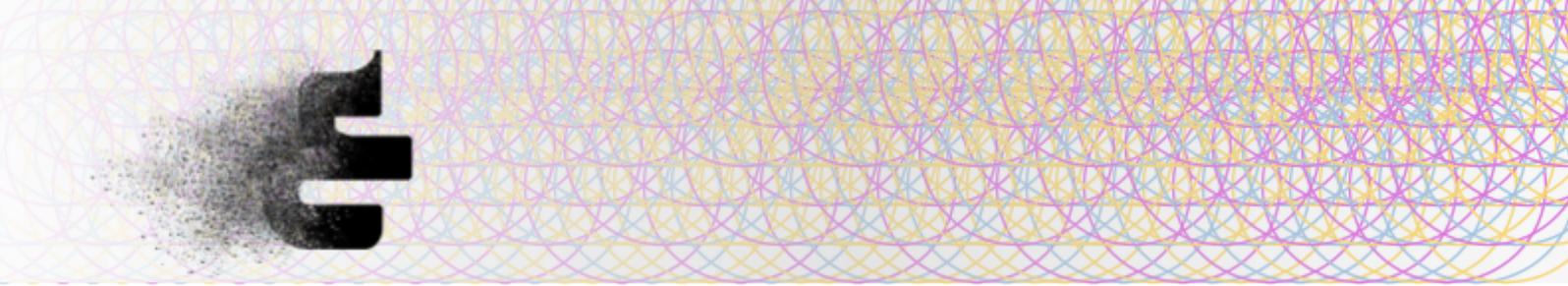
TEXTOS MOTIVADORES

TEXTO I

[...]

Durante a última década, a palavra "millennials" tem sido usada para descrever ou atribuir o que há de certo e errado com os jovens, mas, em 2019, os millennials já são adultos há um bom tempo: os mais jovens têm 22 anos, e os mais velhos, como eu, estão em torno dos 38. Isso exigiu uma mudança na maneira como as pessoas de dentro e de fora da nossa geração configuram suas críticas. Não somos mais adolescentes irresponsáveis; somos adultos crescidos, e os desafios que encaramos não são efêmeros, mas sistêmicos.

Muitos dos comportamentos atribuídos aos millennials são os comportamentos de um grupo específico, majoritariamente formado por pessoas brancas de classe média nascidas entre 1981 e 1996. Mas mesmo que você seja um millennial que não tenha crescido com privilégios, você sofreu o impacto das mudanças sociais e culturais que moldaram a geração. Nossos pais — uma mistura de "boomers" mais novos e membros mais velhos da geração X — nos criaram durante uma época de relativa



estabilidade econômica e política. Assim como nas gerações anteriores, havia uma expectativa de que a próxima geração teria melhores condições — tanto em termos de saúde como de finanças — do que sua antecedente.

No entanto, à medida que os millennials chegaram à metade da vida adulta, esse prognóstico se provou falso. Financeiramente falando, a maioria de nós está bem atrasada em comparação aos nossos pais quando tinham a mesma idade. Temos muito menos economias, bem menos capital próprio, bem menos estabilidade e muito mais dívidas estudantis. A "melhor geração" teve a Depressão e a G.I. Bill (lei de incentivo a veteranos de guerra americanos); os boomers tiveram a era de ouro do capitalismo; a geração X teve a desregulamentação da economia e a redistribuição de renda. E os millennials? Temos capital de risco, mas também temos a crise financeira de 2008, o declínio da classe média, a ascensão dos 1% mais ricos e a deterioração constante dos sindicatos e dos empregos estáveis e de tempo integral.

[...]

Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/annehelenpetersen/millennials-burnout-geracao-esgotamento>.
Acesso em 01 de junho de 2021. Adaptado.

TEXTO II

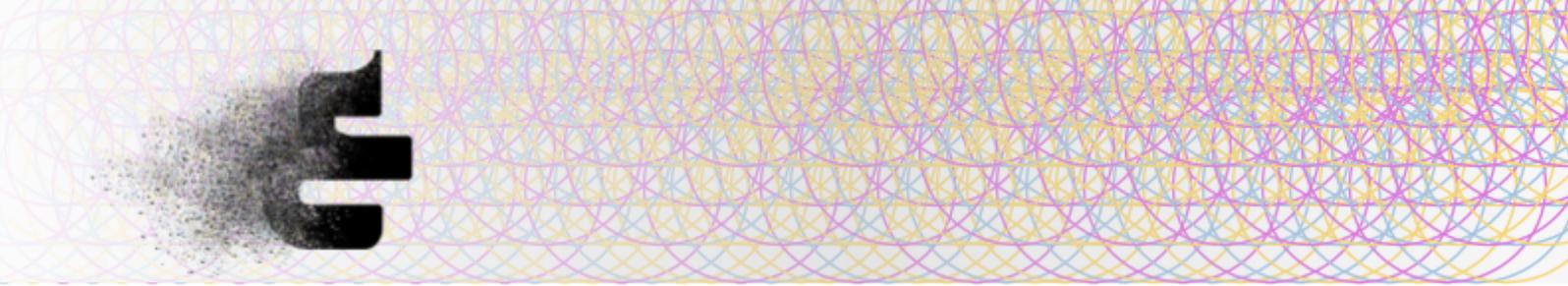
[...]

Após o retorno às aulas de forma presencial em sua totalidade, a defasagem no aprendizado se fez notável, afinal, ao mesmo tempo que a chamada geração Z é digital, não são capazes de se concentrar e usufruir do ensino remoto. No entanto, o que mais chama a atenção de nós educadores vai além disso. Nunca tivemos tantos casos de indisciplina e falta de empatia entre os jovens e adolescentes.

Conversando com outros educadores, a falta de interesse e respeito estão acima do normal. Um professor de Educação Física, por exemplo, relatou que as brigas durante as atividades são constantes, em clara demonstração de intolerância e falta de senso coletivo.

Mas a pergunta que faço é: seria apenas culpa da pandemia e dos anos em que ficaram sem o convívio social? Sinceramente, acredito que não.

Tudo isso é reflexo também da sociedade, das famílias que seguem o roteiro imposto pela heteronormatividade, sendo que a grande maioria é incapaz e despreparada para serem considerados pais e mães. O comportamento dos filhos mostra que a função familiar não foi – e não é! – exercida nas casas, reforçando o que



há tempos vínhamos notando: a falta de atenção e educação dos genitores delega todas essas funções única e exclusivamente para as escolas e educadores.

Não à toa começaram a dar nome ao estresse apresentado pelos pais e mães durante esse período: “burnout parental”. Incrivelmente alegam que o ambiente familiar se tornou prejudicial e estressante. Junte tudo isso e questione: estariam essas pessoas realmente preparadas para seguir a “lei social” de constituição familiar?

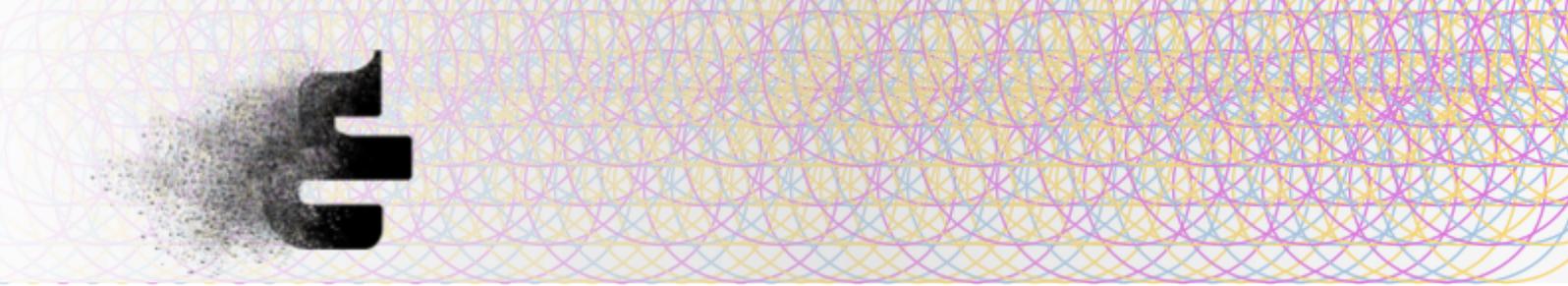
Disponível em: <https://diplomatique.org.br/educacao-em-falta-so-culpa-da-pandemia/>. Acesso em 01 de junho de 2021. Adaptado.

TEXTO III

A professora, armada com giz colorido, acrescenta frações no grande quadro-negro, emoldurado em madeira rústica, que cobre a parede frontal da classe. As crianças da quarta série, 9 e 10 anos, fazem suas contas nas carteiras com lápis e cartelas. A sala de aula é revestida de papéis: mensagens, horários, trabalhos dos alunos. Nenhum saiu de uma impressora. Nada, nem mesmo os livros didáticos, que as próprias crianças elaboram à mão, foi feito por computador. Não há nenhum detalhe nesta aula que possa estar fora de sintonia com as memórias escolares de um adulto que frequentou a escola no século passado. Mas estamos em Palo Alto. O coração do Vale do Silício. Epicentro da economia digital. Habitat daqueles que pensam, produzem e vendem a tecnologia que transforma a sociedade do século XXI.

Escolas de todo o mundo se esforçam para introduzir computadores, tablets, quadros interativos e outros prodígios tecnológicos. Mas aqui, no Waldorf of Peninsula, uma escola particular onde são educados os filhos de administradores da Apple, Google e outros gigantes tecnológicos que rodeiam esta antiga fazenda na Baía de São Francisco, as telas só entram quando eles chegam ao secundário (o ensino médio).

"Não acreditamos na caixa preta, na ideia de que você coloca algo em uma máquina e sai um resultado sem que se compreenda o que acontece lá dentro. Se você faz um círculo perfeito com um computador, deixa de ter o ser humano tentando alcançar essa perfeição. O que desencadeia o aprendizado é a emoção, e são os seres humanos que produzem essa emoção, não as máquinas. Criatividade é algo essencialmente humano. Se você coloca uma tela diante de uma criança pequena, você limita suas habilidades motoras, sua tendência a se expandir, sua capacidade de concentração. Não há muitas certezas em tudo isso. Teremos as respostas daqui a 15 anos, quando essas crianças forem adultas. Mas queremos correr o risco? ", pergunta



Pierre Laurent, pai de três filhos, engenheiro de computação que trabalhou na Microsoft, na Intel e em várias startups, e agora preside o conselho da escola.

Suas palavras ilustram o que está começando a ser um consenso entre as elites do Vale do Silício. Os adultos que melhor entendem a tecnologia dos celulares e dos aplicativos querem que seus filhos se afastem dela. Os benefícios das telas na educação infantil são limitados, argumentam, enquanto o risco de dependência é alto.

Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/20/actualidad/1553105010_527764.html.

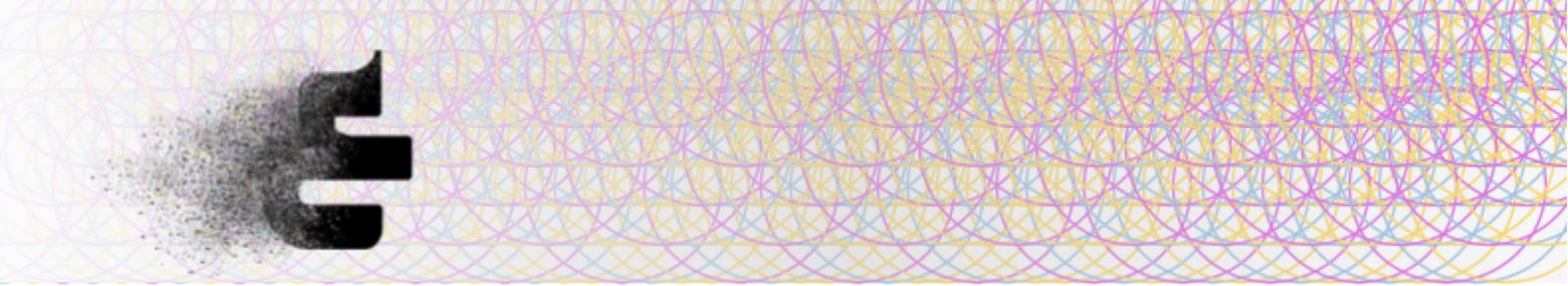
Acesso em 01 de junho de 2021. Adaptado.

TEXTO IV

Como afirmei em *Life in Fragments* (Polity Press, 1996), a sociedade pós-moderna envolve seus membros primariamente em sua condição de consumidores, e não de produtores. A diferença é fundamental.

A vida organizada em torno do papel de produtor tende a ser normativamente regulada. Há um mínimo de que se precisa a fim de manter-se vivo e ser capaz de fazer o que quer que o papel de produtor possa requerer, mas também um máximo com que se pode sonhar, desejar e perseguir, contando com a aprovação social das ambições, sem medo de ser desprezado, rejeitado e posto na linha. O que passar acima desse limite é luxo, e desejar o luxo é pecado. O principal cuidado, portanto, é com a conformidade: manter-se seguramente entre a linha inferior e o limite superior — manter-se no mesmo nível (tão alto ou baixo, conforme o caso) do vizinho.

A vida organizada em torno do consumo, por outro lado, deve se bastar sem normas: ela é orientada pela sedução, por desejos sempre crescentes e quereres voláteis — não mais por regulação normativa. Nenhum vizinho em particular oferece um ponto de referência para uma vida de sucesso; uma sociedade de consumidores se baseia na comparação universal — e o céu é o único limite. A idéia de “luxo” não faz muito sentido, pois a idéia é fazer dos luxos de hoje as necessidades de amanhã, e reduzir a distância entre o “hoje” e o “amanhã” ao mínimo — tirar a espera da vontade. Como não há normas para transformar certos desejos em necessidades e para deslegitimar outros desejos como “falsas necessidades”, não há teste para que se possa medir o padrão de “conformidade”. O principal cuidado diz respeito, então, à adequação — a estar “sempre pronto” a ter a capacidade de aproveitar a oportunidade quando ela se apresentar; a desenvolver novos desejos feitos sob medida para as novas, nunca vistas e inesperadas seduções; e a não permitir que as



necessidades estabelecidas tornem as novas sensações dispensáveis ou restrinjam nossa capacidade de absorvê-las e experimentá-las.

BAUMAN, Zygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001. Adaptado.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Considerando as ideias apresentadas nos textos e também outras informações que julgar pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você exponha seu ponto de vista sobre o tema: **“Problemas comportamentais dos jovens: um resultado do contexto histórico ou efeito da educação familiar?”**.

Instruções:

- A dissertação deve ser redigida de acordo com a norma padrão da língua portuguesa.
- Escreva, no mínimo, 20 linhas, com letra legível e não ultrapasse o espaço de 30 linhas da folha de redação.
- Dê um título a sua redação.